

Da autora de *Como eu era antes de você*

Jojo Moyes

Um
passo
de sorte



Um passo de sorte

Jojo Moyes

Tradução de
Sofia Soter



Copyright © 2023 by Jojo's Mojo Ltd
Esta obra não pode ser exportada para Portugal.

TÍTULO ORIGINAL
Someone Else's Shoes

COPIDESQUE
Ilana Goldfeld

REVISÃO
Juliana Souza
Lara Freitas
Theo Araújo

DIAGRAMAÇÃO
Ilustrarte Design e Produção Editorial

DESIGN DE CAPA
Lee Motley / MJ

IMAGENS DE CAPA
© Shutterstock

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M899p

Moyes, Jojo, 1969-
Um passo de sorte / Jojo Moyes ; tradução Sofia Soter. - 1. ed.
- Rio de Janeiro :Intrínseca, 2023.
Tradução de: Someone else's shoes
ISBN 978-65-5560-741-3

1. Romance inglês. I. Soter, Sofia. II. Título.

23-83820

CDD: 823

CDU: 82-31(410.1)



Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

[2023]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 6º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Para JWH

1

Sam olha para o teto, que vai clareando devagar, e respira fundo, seguindo os conselhos médicos, para tentar impedir que os pensamentos que lhe vêm às cinco da manhã se aglutinem em uma nuvem escura e imensa acima de sua cabeça.

Inspire contando até seis, segure enquanto conta até três, expire contando até sete.

Tenho saúde, repete, em silêncio. Minha família tem saúde. Meu cachorro parou com aquilo de fazer xixi no corredor. Tem comida na geladeira, e ainda tenho meu emprego. Ela se arrepende um pouco de incluir o *ainda*, porque pensar no emprego lhe dá mais um aperto no estômago.

Inspire contando até seis, segure enquanto conta até três, expire contando até sete.

Os pais dela ainda estão vivos. Porém, ela admite que é difícil justificar a inclusão disso naquele exercício de gratidão. Ah, meu Deus. Sua mãe vai dar alguma alfinetada nela domingo sobre eles sempre visitarem a mãe do Phil, não vai? Será em algum momento entre a tacinha de xerez e a sobremesa pesada, um comentário tão inevitável quanto a morte, os impostos e aqueles pelos aleatórios no queixo. Ela se imagina se defendendo com um sorriso educado: *Bom, mãe, Nancy acabou de perder o marido com quem foi casada por cinquenta anos. Ela anda um pouco solitária.*

Mas vocês visitavam muito quando ele ainda era vivo, não?, ouve a réplica da mãe.

É, mas o marido dela estava prestes a morrer. Phil queria ver o pai o máximo de vezes possível antes de ele passar dessa pra melhor. A gente não estava lá curtindo.

Ela nota que está tendo mais uma discussão mental com a mãe e se contém, tentando guardar aquele pensamento em uma caixinha na sua cabeça, como aprendeu em um artigo, e fechá-la com uma tampa imaginária. A tampa se recusa terminantemente a encaixar. Ela anda discutindo muito na sua mente nos últimos tempos: com Simon, do trabalho, com a mãe, com aquela mulher que furou a fila do mercado na véspera. Nenh-

ma das discussões chega a seus lábios no mundo real. Ela só range os dentes. E tenta respirar.

Inspire contando até seis, segure enquanto conta até três, expire contando até sete.

Não vivo em uma zona de guerra, pensa. Tem água limpa e encanada, comida na despensa. Nada de explosões, nem de armas. Nada de fome. Isso deve valer de alguma coisa. Mas pensar nas crianças que vivem em zonas de guerra faz os olhos dela marejarem. Os olhos dela vivem marejados. Cat insiste que ela deveria fazer terapia de reposição hormonal, mas Sam ainda fica menstruada e às vezes tem até espinhas por conta dos hormônios (não é injusto?). Além disso, nem tem tempo para uma consulta médica. Da última vez que telefonou para a clínica, só tinham horário para dali a duas semanas. *E se eu estivesse morrendo?*, pensara. Em seguida, teve uma discussão mental com a recepcionista.

No mundo real, ela dissera apenas:

— Ah, essa data ainda está longe. Devo melhorar logo. Obrigada, de qualquer modo.

Ela olha para a direita. Phil está dormindo, e mesmo em repouso sua expressão demonstra preocupação. Ela quer fazer cafuné nele, mas, ultimamente, quando faz isso, ele desperta de sobressalto, chateado e assustado, como se ela tivesse lhe feito alguma crueldade.

Ela cruza as mãos sobre a barriga e tenta adotar uma postura tranquila, equilibrada. Uma vez, lhe disseram que descanso dá na mesma que sono. É só evitar ter qualquer pensamento, deixar o corpo relaxar. Deixar os membros liberarem a tensão, começando pelos dedos dos pés. Deixar os pés pesarem. Deixar a sensação subir pelos tornozelos, pelos joelhos, pelo quadril, pela barri...

Ah, foda-se, diz um pensamento. São quinze para as seis. É melhor levantar logo.

— Acabou o leite — diz Cat.

Ela está olhando a geladeira com um quê de acusação, como se esperasse que leite fosse surgir de forma espontânea.

— Que tal ir ao mercado?

— Não tenho tempo — rebate Cat. — Preciso arrumar o cabelo.

— Bom, infelizmente também não tenho tempo.

— Por quê?

— Porque vou usar aquele cupom que você me deu para a academia e o spa. Bodyworks. A validade acaba amanhã.

— Mas comprei esse seu cupom há um ano! E você só vai aproveitar umas duas horas lá, já que tem que ir para o trabalho.

— Combinei de chegar no escritório um pouco mais tarde. Pelo menos é lá pertinho. É que não tive tempo antes.

Ela nunca tem tempo. É o que repete como mantra, junto de “Estou exausta”. Mas ninguém tem tempo. Está todo mundo exausto.

Cat arqueia as sobrancelhas. Para ela, o autocuidado é uma necessidade que vem antes de outras mais prosaicas, como dinheiro, moradia e alimentação.

— Eu vivo dizendo, mãe: é agora ou nunca — diz Cat, observando com pavor maldisfarçado a diferença cada vez menor entre a circunferência do quadril e a da cintura da mãe, e fecha a geladeira. — Argh. Não sei por que o papai não pode nem comprar leite.

— Deixe um bilhete — instrui Sam, pegando o que vai precisar para o dia. — Talvez hoje ele se sinta melhor.

— E talvez macacos saiam voando da minha bunda.

Cat sai da cozinha marchando, daquele jeito peculiar de garotas de dezenove anos. Alguns segundos depois, Sam escuta o rugido furioso do secador de cabelo e sabe que o aparelho ficará no quarto de Cat até que ela o busque.

— Achei que você nem bebesse mais leite de vaca — grita para a escada.

O secador para por um instante.

— Agora você só está querendo encher meu saco — responde a filha.

Ela pega o maiô no fundo da gaveta e o enfia na bolsa esportiva preta.

Ela está tirando o maiô molhado quando chegam as mães gostosas. Penteadas e esbeltas, elas logo a cercam, conversando alto e uma por cima da outra, preenchendo o silêncio abafado do vestiário, sem notar sua presença. Sam sente o breve equilíbrio que adquiriu ao nadar vinte voltas na piscina evaporar como névoa. Levou uma hora para lembrar que odeia esses lugares: a opressão de corpos sarados, os cantos onde ela e as outras pessoas rechonchudas tentam se esconder. Ela já tinha passado por ali um milhão de vezes, se perguntando se devia entrar. Percebe que essas mulheres a fazem se sentir pior do que se nem tivesse vindo.

— Vai ter tempo para um café depois, Nina? Pensei que a gente podia ir naquele cafezinho simpático que abriu atrás do Space NK. O dos *poke*.

— Eu ia amar. Mas tenho que ir embora às onze. Vou levar Leonie ao dentista.

— Ems?

— Ai, nossa, vamos. Preciso de um tempo com as migas!

Essas mulheres usam roupa de ginástica de grife, têm cortes de cabelo perfeitos e tempo para tomar café. Essas mulheres têm bolsas de academia com marcas chiques, em vez da Marc Jacobs falsificada dela, e maridos de nome Rupe ou Tris, que jogam distraidamente envelopes contendo bônus caprichados na reluzente mesa da cozinha, também de marca. Essas mulheres dirigem carros imensos, 4x4, que nunca ficam enlameados. Estacionam sempre em fila dupla e exigem de funcionários exaustos versões infantis de capuccinos para dar a crianças birrentas, reclamando quando não são feitos com precisão de acordo com seus pedidos. Elas não ficam acordadas até as quatro da manhã, preocupadas com a conta de luz, nem ficam enjoadas quando cumprimentam o novo chefe, com seu terno brilhante e desdém maldisfarçado.

Elas não têm maridos que ficam até meio-dia de pijama e fazem cara assustada quando as esposas mencionam que talvez seja hora de procurar emprego outra vez.

Sam está naquela idade, a idade em que todas as coisas erradas parecem ficar (a gordura, a ruga entre as sobrancelhas, a ansiedade), enquanto todo o resto (a segurança profissional, a felicidade conjugal, os sonhos) se esvai sem o menor esforço.

— Você nem imagina como subiu o preço do Le Méridien esse ano — comenta uma das mulheres.

Ela está curvada, secando com a toalha o cabelo que custou uma fortuna para pintar. Sam precisa se esticar para o lado para evitar encostar nela.

— Pois é! Tentei fazer reserva para as Ilhas Maurício no Natal, e nosso bangalô de sempre está quarenta por cento mais caro.

— Um escândalo.

Um escândalo mesmo. Que horror para vocês. Ela pensa no furgão de camping que Phil comprou para reformar dois anos atrás. “Podemos passar uns fins de semana no litoral”, explicara ele, alegre, olhando a van imensa que agora bloqueia parcialmente a saída de casa, com um girassol gigante pintado na lataria. Ele nunca fez nada além de trocar o

para-choque traseiro. Desde seu Ano de Carnificina, o veículo permanece estacionado na frente da casa, um lembrete cotidiano e incômodo do que perderam.

Sam se contorce para vestir a calcinha, tentando esconder a pele pálida debaixo da toalha. Hoje ela tem quatro reuniões com clientes importantes. Daqui a meia hora, vai encontrar Ted e Joel, dos departamentos de impressão e transporte, e eles tentarão fechar negócios vitais para a empresa. E ela tentará salvar o próprio emprego. Talvez o de todos.

Sem pressão.

— Acho que esse ano vamos às Maldivas. Sabe, antes que acabem afundando.

— Ah, boa ideia. A gente adorou lá. Que pena, essa história de estarem afundando.

Outra mulher passa por Sam e abre o armário. Ela, como Sam, tem cabelo escuro, e talvez seja uns poucos anos mais jovem, mas seu corpo é tonificado como o de alguém que todos os dias pratica exercícios intensos e esfolia e hidrata a pele. O cheiro dela é caro, como se emanasse dinheiro de seus poros.

Sam aperta mais a toalha ao redor da pele pálida e das celulites e se vira para secar o cabelo em outro corredor. Quando volta, todas já foram embora. Ela suspira, aliviada, e se larga no banco úmido de madeira. Pensa em se deitar em uma das camas de mármore aquecidas do canto, descansar por meia hora. Só de pensar, é tomada por um prazer repentino: meia hora deitada ali, em um silêncio delicioso.

O celular vibra na jaqueta dela, pendurada no armário às suas costas. Ela tira o aparelho do bolso.

Pronta? Estamos aqui.

Ela digita:

Como assim? A reunião da Framptons é só à tarde.

Simon não falou? Mudaram para 10. Vem, temos que sair.

Ela continua olhando o celular, horrorizada. Pelo visto, precisa chegar à primeira reunião dali a vinte e três minutos. Geme de frustração, veste

a calça com dificuldade, pega a bolsa preta do banco e vai batendo os pés até o estacionamento.

A van branca suja, com as palavras GRÁFICA GRAYSIDE na lateral, aguarda diante da porta dos fundos, com o motor ligado. Ela corre, ainda de chinelos da academia. Voltará para devolvê-los no dia seguinte, mas já se sente culpada, como se tivesse cometido uma transgressão enorme. Está um pouco ofegante e de cabelo ainda úmido.

— Acho que Simon está armando para cima de você, querida — diz Ted, quando ela entra na van.

Ele abre espaço para ela no banco da frente. Ted cheira a cigarro e desodorante Old Spice.

— Acha mesmo?

— É bom você ficar de olho. Confirme todos os horários de reunião com a Genevieve — aconselha Joel, virando o volante.

Joel prendeu os dreads em um rabo de cavalo arrumado, como se por respeito ao dia que têm pela frente.

— As coisas mudaram desde que eles assumiram, né? — observa Ted, quando entram na estrada principal. — Parece que a gente passa o dia pisando em ovos.

Há dois sacos de papel vazios e melados de açúcar no painel, e Ted entrega para ela um terceiro saco, com um donut enorme, ainda quentinho e recheado de geleia.

— Aqui — oferece ele. — Café da manhã dos campeões.

Ela não deveria comer. O donut tem no mínimo o dobro de calorias que ela queimou nadando. Dá para ouvir o suspiro de decepção de Cat à distância. Mesmo assim, ela hesita, mas por fim mete o doce na boca e fecha os olhos de satisfação com o conforto quente e adocicado. Nos últimos tempos, Sam tem aceitado os prazeres de onde dá.

— Genevieve o ouviu falando de demissões de novo numa ligação — informa-lhes Joel. — Disse que, quando ela entrou no escritório, ele mudou de assunto.

Sempre que ouve “demissão”, uma palavra que agora se debate pelo escritório que nem uma mariposa presa, ela sente um aperto na barriga. Sam não sabe o que será de sua família se ela também perder o emprego. Phil se recusa a tomar o antidepressivo que a médica receitou. Diz que o remédio dá sono, como se já não dormisse até as onze todo dia de qualquer modo.

— Não vai chegar a tanto — declara Ted, sem convencer ninguém. — Sam vai conseguir uns clientes novos hoje, né?

Ela nota que os dois a encaram.

— Vou — diz. — Vou! — repete, mais animada.

Ela passa maquiagem se olhando no espelhinho de bolso, e, toda vez que Joel passa por um quebra-molas, Sam solta um palavrão baixinho e limpa o que borrou com um dedo babado. Ajeita o cabelo, que, dentro das circunstâncias, não secou tão mal. Dá uma conferida nos documentos da pasta, confirmando que está com todos os dados à mão. Lembra vagamente de quando sentia confiança naquilo, de quando conseguia entrar em uma sala e saber que era boa no trabalho. *Vamos lá, Sam, tente ser essa pessoa de novo*, ordena em silêncio. Então, tira os chinelos e abre a bolsa de ginástica.

— Cinco minutos — avisa Joel.

É apenas então que ela percebe que, apesar de a bolsa ser igual à dela, não é a sua. A bolsa não contém seus sapatos pretos de salto confortável, adequados para andar muito visitando clientes e negociando contratos de gráfica. Naquela bolsa, há um par de escarpins vertiginosos, vermelhos, de pele de crocodilo e tira no tornozelo, da Christian Louboutin.

Ela tira um pé do sapato da bolsa e o olha, deixando o peso estranho pender da tira.

— Vixe! — exclama Ted. — Nossa reunião é no Stringfellows?

Sam se abaixa e revira a bolsa, tirando de lá o outro pé do sapato, uma calça jeans e uma jaqueta clara da Chanel, dobrada de forma meticulosa.

— Nossa senhora! — exclama ela. — Isso não é meu. Peguei a bolsa errada. Temos que voltar.

— Não dá tempo — rebate Joel, estudando a rua. — Já estamos em cima da hora.

— Mas preciso da minha bolsa.

— Foi mal, Sam. Depois a gente volta. Pode usar o que usou na academia?

— Não posso ir a uma reunião de chinelo.

— E esse sapatos aí?

— Está de brincadeira?

Ted pega os sapatos da mão dela.

— Ela está certa, Joel. Esses sapatos não são... a praia dela.

— Por quê? Qual é a minha praia?

— Bem... Simples. Você gosta de coisas simples — responde ele, e hesita. — Coisas práticas.

— Sabe o que dizem de sapatos desse tipo aí — comenta Joel.

— O quê?

— Não são para usar de pé.

Eles dão cotoveladinhos um no outro, rindo.

Sam pega os sapatos de volta. São um número menor que o seu. Ela os calça e afivela a tira.

— Ótimo — diz, sua atenção concentrada no pé. — Vou para a reunião da Frampton com cara de garota de programa.

— Pelo menos é uma garota de programa de luxo — consola Ted.

— Como assim?

— Ah, diferente das desdentadas que pagam boquete por cinco pilas...

Sam espera Joel parar de gargalhar.

— Nossa, obrigada, Ted — solta ela, olhando pela janela. — Agora, sim, estou me sentindo melhor.

A reunião não é no escritório, como ela esperava. Houve um problema no departamento de transporte, e eles vão precisar se apresentar na área de carregamentos, onde Michael Frampton precisa verificar um defeito no sistema hidráulico. Sam tenta andar naqueles saltos e sente o ar frio nos pés. Queria ter feito pedicure, pelo menos em algum momento desde a última vez, em 2009. Os tornozelos dela não param de bambolear, como se fossem feitos de borracha, e ela se pergunta como é possível alguém caminhar normalmente com um sapato daqueles. Joel estava certo. Não é sapato para usar de pé.

— Tudo bem? — pergunta Ted, quando se aproximam do grupo de homens.

— Não — resmungo. — Parece que estou me equilibrando em palitinhos.

Uma empilhadeira passa na frente deles, carregando um pacote imenso de papel, e os obriga a desviar de repente, fazendo-a tropeçar, o apito de alerta quase ensurdecador no espaço cavernoso. Ela vê todos os homens ao redor do caminhão se virarem para olhá-la. E depois para os sapatos em seus pés.

— Achei que vocês não viessem.

Michael Frampton é um homem azedo de Yorkshire, o tipo que, em qualquer conversa, não deixa dúvidas de como ele sofreu e, ao mesmo tempo, deixa implícito que você não sofreu o suficiente.

Sam força um sorriso.

— Mil desculpas — diz, alegre. — Tivemos outra reunião que...

— Foi o engarrafamento — explica Joel, ao mesmo tempo, e eles se entreolham, desajeitados.

— Sam Kemp. Nos conhecemos em...

— Eu lembro — interrompe ele, e olha para baixo.

Ele passa dois minutos constrangedores discutindo as anotações de uma prancheta com um jovem de macacão, e Sam fica congelada, sem saber o que fazer, atenta aos olhares curiosos dos homens que o cercam. Aqueles sapatos inadequados brilham como faróis radioativos em seus pés.

— Certo — retoma Michael, quando enfim acaba o que estava fazendo. — Tenho que avisar, antes de começar, que a Printex nos ofereceu condições muito atrativas.

— Bem, nós... — começa Sam.

— E disseram que vocês não vão ter tanta flexibilidade, agora que a Grayside foi engolida por uma empresa maior.

— Bem, isso não é totalmente verdade. O que temos agora é volume, qualidade e... segurança.

Ela se sente um pouco boba ao falar, como se todo mundo a estivesse olhando, como se fosse óbvio que ela é uma mulher de meia-idade usando os sapatos de outra pessoa. Ela gagueja a reunião toda, se embananando nas respostas, enrubescendo, sentindo que todos olham para seus pés.

Por fim, tira a pasta da bolsa. Contém o orçamento que passou horas refinando e esmiuçando. Ela dá um passo para entregar o documento a Michael, mas o salto fica preso em alguma coisa. Sam tropeça e vira o tornozelo, sentindo uma pontada aguda de dor na perna, porém transforma a careta em um sorriso e entrega a pasta. Ele folheia o documento e não se dirige a ela, que decide se afastar lentamente, tentando não cambalear.

Por fim, Michael volta a encará-la.

— Planejamos um volume significativo nesse pedido, então precisamos escolher uma empresa que dê resultados, que isso fique acima de qualquer dúvida.

— Já fizemos isso para sua empresa antes, sr. Frampton. E, mês passado, entregamos para a Greenlight um pedido de catálogos semelhantes. Eles ficaram muito impressionados com a qualidade.

Ele está de rosto franzido.

— Posso dar uma olhada no que fizeram para eles?

— Com certeza.

Ela folheia a pasta e lembra, de repente, que o catálogo da Greenlight ficou na pasta azul em cima do painel da van, com os materiais que achou que não seriam necessários. Para ir lá pegá-la, precisaria sair da área de carregamentos e atravessar o estacionamento a pé, à vista de todos os homens. Ela olha para Joel, transmitindo a intenção.

— Quer que eu busque? — oferece Joel.

— Que outras amostras vocês têm na van? — pergunta Frampton.

— Bom, fizemos um trabalho parecido para a papelaria Clarks. Na verdade, temos vários catálogos do mês passado. Joel, pode...

— Nah. Eu mesmo vou lá olhar — diz Frampton, já andando.

Ou seja, ela também precisa andar. Começa a avançar ao lado dele, a passos mais firmes.

— Precisamos — começa ele, enfiando as mãos nos bolsos — de uma gráfica ágil, flexível. De pés ligeiros, digamos.

Ele está andando rápido demais. É então que ela vira o tornozelo de novo, tropeçando no chão irregular, e solta um gritinho. Joel estica o braço bem quando os joelhos dela cedem, e ela é obrigada a se segurar nele para manter-se de pé. Abre um sorriso sem graça quando Frampton se vira para eles, com uma expressão indecifrável.

Mais tarde, ela lembrará, com as orelhas ardendo de vergonha, as palavras que ele murmurou para Joel. As últimas palavras que dirigiu à Gráfica Grayside.

Ela está bêbada?

Nisha Cantor corre, furiosa, em uma esteira. Música vibra em seus ouvidos, e as pernas batem no aparelho como se bombeasse pistões. Ela sempre corre furiosamente. O primeiro terço da corrida, mais ou menos um quilômetro e meio, é o pior, movido por uma mistura colérica de ressentimento e ácido láctico; o segundo lhe dá muita, muita raiva; e o terceiro é quando a cabeça enfim desanuvia e, de repente, ela sente o corpo lubrificado, sente que poderia correr para sempre e volta a ficar com raiva porque precisa parar e fazer outra coisa bem quando começou a se divertir. Ela odeia correr, mas precisa correr para se manter sã. Odeia visitar essa porcaria de cidade, onde tem gente abarrotando as calçadas, andando devagar, e o único lugar em que pode correr direito é nessa academia tosca, para a qual o hotel mandou os hóspedes enquanto parece que a academia dele, melhor, está em reforma.

A máquina informa que é hora de desacelerar, e Nisha a desliga de forma abrupta, se recusando a receber ordens de uma droga de máquina. *Não vou desacelerar, não*, pensa. Quando tira um dos fones de ouvido, percebe que seu celular está tocando e o pega. É Carl.

— Meu bem...

— Licença.

Nisha se vira.

— A senhora precisa desligar o telefone — declara uma moça. — É uma área de silêncio.

— Então pare de falar comigo. Você está fazendo muito barulho. E, por favor, se afaste um pouco. Assim, vou acabar absorvendo gotículas do seu suor.

A mulher fica um pouco boquiaberta, e Nisha leva o celular à orelha.

— Nisha, meu bem. O que você está fazendo?

— Estou na academia, amor. Ainda vamos almoçar juntos?

A voz de Carl, suave que nem manteiga, uma das coisas que ela sempre amou nele.

— Vamos, mas talvez seja melhor comermos no hotel. Preciso passar lá para buscar uns documentos.

— Claro — diz Nisha, de forma automática. — O que quer que eu peça para você?

— Ah, tanto faz.

Ela congela. Carl nunca diz “tanto faz”.

— Quer a omelete de trufas brancas especial de Michel? Ou o atum selado?

— Claro. Está ótimo.

Nisha engole em seco. Tenta manter a voz firme.

— Que horas?

Carl hesita, e ela ouve um som abafado. Ele está falando com mais alguém. O coração dela está a mil.

— Meio-dia seria perfeito. Mas fique tranquila. Não quero apressar você.

— Pode deixar. Te amo.

— Também, meu bem — responde Carl, e desliga.

Nisha permanece imóvel, sente a pulsação do sangue forte nos ouvidos, de um jeito que não tem ligação alguma com a corrida. Por um momento, acha que a cabeça talvez exploda. Respira fundo duas vezes. Em seguida, digita um número. Cai direto na caixa postal. Ela xinga a diferença de fuso horário para Nova York.

— Magda? — diz, passando a mão pelo cabelo suado. — Aqui é a sra. Cantor. Você precisa entrar em contato com aquele seu homem, AGORA.

Quando ela levanta a cabeça, um funcionário da academia aparece, de camisa polo e bermuda de tecido vagabundo.

— Com licença, a senhora não pode usar o celular aqui. É proibido...

— Largue do meu pé — rebate Nisha. — Vá limpar um chão, sei lá. Esse lugar é uma imundície.

Ela o empurra a caminho do vestiário e pega uma toalha da mão de outro funcionário no caminho.

O vestiário está lotado, mas ela não vê ninguém. Repassa o telefonema mentalmente, de novo e de novo, com o coração acelerado. Então é isso. Ela precisa ficar lúcida, estar pronta para responder, mas o corpo entrou em uma estranha imobilidade, e nada funciona como deveria. Ela fica sentada no banco por um momento, olhando para a frente sem prestar atenção em nada. *Eu consigo*, pensa, notando as mãos trêmulas. *Já sobrevivi a coisa pior*. Ela afunda o rosto na toalha, respirando fundo até controlar o tremor, então se empertiga, endireitando os ombros.

Por fim, se levanta e abre o armário, de onde tira a bolsa de academia Marc Jacobs. Alguém deixou a bolsa no banco perto do armário dela, e ela empurra essa outra bolsa para o chão e troca pela própria. Banho. Ela precisa tomar banho antes de fazer qualquer coisa. Aparência é tudo. Até que o celular toca de novo. Duas mulheres a encaram, mas ela as ignora e pega o aparelho no banco. Raymond.

— Mãe? Viu a foto das minhas sobrancelhas?

— Como assim, meu bem?

— Minhas sobrancelhas. Mandei uma foto. Você viu?

Nisha afasta o celular do rosto e passa pelas mensagens até encontrar a foto que ele mandou.

— Você tem sobrancelhas lindas, querido — volta a falar no aparelho, tranquilizadora.

— Estão horríveis. Estou me sentindo péssimo. Vi um programa sobre, tipo, tráfico de golfinhos, e tinha um monte de golfinhos que eram forçados a fazer truques e tal, e morri de culpa porque a gente foi naquele lugar para nadar com esses golfinhos no México, lembra? Estava tão mal que não consegui nem sair do quarto, aí achei uma boa ideia fazer as sobrancelhas, e foi um desastre, porque agora estou parecendo a Madonna nos anos 1990.

Uma mulher começou a secar o cabelo ali perto, e Nisha considera por um momento arrancar o secador da mão dela e matá-la a pancadas.

— Querido, não dá para escutar direito aqui. Um segundo.

Ela vai para o corredor. Respira fundo.

— Estão perfeitas — diz, no silêncio abafado. — Lindas. E a Madonna tinha um look ótimo nos anos 1990.

Ela o imagina de pernas cruzadas na cama em Westchester, como se senta desde que era pequeno.

— Não estão lindas, mãe. Está um *desastre*.

Uma mulher sai do vestiário e passa por ela, arrastando os chinelos, de cabeça abaixada, às pressas e usando uma jaqueta barata. Por que as mulheres não mantêm a postura? Essa mulher anda de ombros curvados, com a cabeça encolhida que nem uma tartaruga, e Nisha se irrita na hora. Se você tem cara de vítima, por que se surpreende quando as pessoas a tratam mal?

— Então quando você voltar para casa a gente marca uma sessão de *microblading*.

— Então estão *mesmo* horríveis.

— Não! Não, você está lindo. Mas, querido, preciso desligar. Estou ocupada. Ligo depois.

— Não pode ligar antes das três, no meu fuso. Tenho que dormir, e aí a gente é obrigado a seguir uma rotina de autocuidado. É uma besteirada só. Temos que fazer um monte de coisa de *mindfulness*. Só que foi justamente por causa da minha cabeça que vim parar aqui.

— Eu sei, meu bem. Ligo depois disso. Te amo.

Nisha desliga e faz outra ligação.

— Magda? Magda? Recebeu meu recado? Me ligue assim que ouvir. Ok?

Ela está desligando quando a porta se abre. Um funcionário da academia aparece e a vê com o celular na mão.

— Senhora, com licença, mas...

— Nem. Comece — rosna, e ele se cala.

Há algumas vantagens em ser uma mulher dos Estados Unidos de mais de quarenta anos que ligou o foda-se para tudo, e o funcionário percebe isso. É a primeira coisa que a deixa feliz a semana toda.

Nisha toma banho, hidrata o corpo com os produtos baratos da academia (ela vai passar o dia cheirando a banheiro de trem), prende o cabelo molhado em um coque e então, com os pés apoiados em segurança em uma toalha (o chão dos vestiários lhe dá náuseas... as células de pele morta das pessoas! As verrugas!), confere o celular pela décima oitava vez, para ver se Magda respondeu.

Está ficando mais difícil ignorar a bola gigantesca de fúria e ansiedade que se expande em seu peito. Ela tira a blusa de seda do cabide e a sente grudar na pele quente e úmida quando a veste. *Pelo amor de Deus, cadê a Magda?* Ela se senta e checa o celular de novo, Tateando distraidamente a bolsa em busca do sapato e da calça. Por fim, tira de lá um sapato muito gasto e feio, preto, de salto quadrado. Ela se vira e pisca por um momento antes de largar o calçado com uma exclamação de pavor. Limpa os dedos e, usando uma ponta da toalha para proteger a mão, abre a bolsa devagar e examina lá dentro. Leva um momento para entender o que vê. Aquela bolsa não é a dela. É de couro falso, o plástico já está descascando na costura, e o que deveria ser uma placa de bronze dizendo “Marc Jacobs” desbotou em um tom de prata fosco.

Nisha olha embaixo do banco. Depois, para trás. A maioria das mulheres irritantes já foi embora, e não há outras bolsas, apenas alguns armários

abertos. Não há outras bolsas. Aquela bolsa parece a bolsa dela em tamanho, cor e alça, mas com certeza não lhe pertence.

— Quem pegou minha bolsa? — diz em voz alta, sem se dirigir a ninguém em específico. — *Quem pegou minha bolsa, caramba?*

As poucas mulheres no vestiário a olham de relance, sem entender.

— Não. *Não, não, não, não, não, não.* Hoje, não. Agora, não.

A moça da recepção nem esboça reação.

— Cadê as câmeras?

— Senhora, não temos câmeras no vestiário feminino. Seria crime.

— Então como vou saber quem roubou minha bolsa?

— Não acho que foi roubo, senhora. Pelo que disse, parece que foi uma troca sem querer, se as bolsas eram parecidas assim...

— Acha mesmo que alguém “acidentalmente” pegaria minha jaqueta Chanel e meus sapatos de salto Louboutin feitos sob medida para mim pelo próprio Christian, sendo que essa mesma pessoa em geral se veste com...

— fala, olhando a bolsa, e faz uma careta. — Com roupas da *Primark*?

O rosto da recepcionista permanece imóvel.

— Podemos analisar a gravação das câmeras da entrada, mas para isso preciso de liberação da central.

— Não tenho tempo. Quem foi a última pessoa a sair daqui?

— Não temos registro disso, senhora. É tudo automatizado. Se aguardar, posso ligar para o gerente.

— Até que enfim! Cadê ele?

— Em um treinamento de equipe em Pinner.

— Ah, pelo amor de Deus. Me arranje um par de tênis. Vocês têm tênis aqui? Só preciso andar até o carro — diz Nisha, e olha pela janela. — Cadê meu carro? Cadê o carro?

Ela vira de costas para a recepção e digita um número no celular. Sem resposta. A recepcionista pega uma embalagem plástica de baixo da bancada. Ela demonstra tanto tédio quanto se estivesse escutando um seminário de duas horas sobre tinta secando. Larga o pacote no balcão.

— Temos chinelos.

Nisha olha para a moça, olha para os sapatos e olha para a moça de novo. A cara da outra não transmite qualquer emoção. Por fim, Nisha pega os chinelos do balcão e, soltando um grunhido de frustração, enfia-os nos pés. Ao se afastar, ouve um resmungo de “*Essas americanas!*”.

Sam não diria que está no melhor momento da sua vida, mas é grata pelo que tem, como seu emprego — que parece estar por um fio — e sua família, ainda que praticamente carregue todos nas costas. Ela sabe que basta um dia ruim para que tudo vá pelos ares — só espera muito que esse dia não seja aquele com reuniões tão importantes pela frente...

Nisha tem tudo com que sempre sonhou, e muito mais: um casamento com um homem incrivelmente rico, viagens internacionais, roupas de marca... Mas, agora que seu marido quer se divorciar, está prestes a perder tudo isso.

Os caminhos de Sam e Nisha, duas mulheres completamente diferentes, nunca deveriam ter se cruzado, mas esse encontro vai mudar a vida de ambas para sempre. E o motivo não poderia ser mais estranho: um par de sapatos Louboutin. Fãs de Jojo Moyes podem identificar certa semelhança com um conto da autora: o livro é inspirado em “Sapatos de pele de crocodilo”, narrativa curta que integra *Paris para um e outros contos*, lançado pela Intrínseca em 2017.

Com uma história dinâmica e cheia de reviravoltas, *Um passo de sorte* traz não apenas uma Jojo Moyes mais divertida do que nunca, como também um enredo emocionante sobre como as amizades — por mais improváveis que sejam — podem fazer toda a diferença na nossa vida.

SAIBA MAIS:

<https://intrinseca.com.br/livro/um-passo-de-sorte/>

